

**DINIZ-PEREIRA, JÚLIO EMÍLIO, HOW THE DREAMERS ARE BORN - STRUGGLES FOR SOCIAL JUSTICE AND THE IDENTITY CONSTRUCTION OF ACTIVIST EDUCATORS IN BRAZIL. (SERIES: EDUCATION AND STRUGGLE - VOLUME 2). ISBN 978-1-4331-2089-3 238PP. NEW YORK, BERN, BERLIN, BRUXELLES, FRANKFURT AM MAIN, OXFORD, WIEN, PETER LANG, 2013.**

Holger Nord\*

Olhando para o título do livro e seus principais substantivos (“sonhadores”, “lutas”, “justiça” e “educadores”), é possível esperar outro apelo acadêmico contra a natureza injusta e exploradora do mundo, no qual os idealistas continuam a lutar futilmente para mudar o imutável. Como resultado, pode-se estar pronto para lançá-lo na crescente pilha de literatura socialista e de esquerda autodestrutiva em educação que oferece apenas lamento contínuo com uma mistura de slogans radicais repetitivos. Estes costumam soar um pouco superficiais e arcaicos ao ecoar no vazio de passos pragmáticos e resultados positivos concretos.

Diniz, no entanto, apresenta uma narrativa de oposição rígida, clara e poderosa ao modo de vida neoliberal, individualista e voltado ao consumo. Ele oferece não apenas uma grande visão teórica, mas também uma pesquisa que apresenta formas concretas de transformação que devem inspirar e até mesmo alterar a prática educacional de quem recorre à pedagogia crítica e à transformação social. Talvez um título diferente, como “O que acontece aos sonhos garantidos? Ensinando e aprendendo para a transformação social”, tivesse sido mais adequado.

Não obstante, esse livro abrange um vasto território teórico e histórico sem perder

o foco e o rigor acadêmico, explorando as identidades de alguns dos educadores ativistas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), no Brasil. Através de seus dados qualitativos e análise narrativa crítica, ele é capaz de apresentar uma indagação muito íntima e relacionável que retrata e personaliza as complexidades de uma luta política dentro de iniciativas educacionais. A pesquisa de Diniz é conduzida pelo desafio de descobrir detalhes sobre os praticantes de educação, isto é, sonhadores, e seus históricos e construções de identidade dentro do contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ao mesmo tempo, os capítulos revelam várias ideias e questões que vão além do contexto brasileiro e geram uma abordagem mais concreta e pragmática da pedagogia crítica, prática social subversiva contra o domínio do discurso neoliberal e capitalista.

Como resultado, esta publicação oferece uma compreensão valiosa e um exemplo convincente de projeto de pesquisa qualitativa, que deve informar acadêmicos e pesquisadores igualmente. Ao mesmo tempo, a personalização dessa pesquisa na área da educação merece um público de leitores mais amplo, variando de pedagogos críticos a professores que se sentem desiludidos com

---

\*Area Manager at VSL – Southeast. Email: holger.nord@gmail.com

a falta de impacto de sua prática e das escolas em geral.

Diniz segue a estrutura padrão de uma tese de pesquisa acadêmica: estabelecendo sua relevância e contexto, justificando a metodologia, apresentando a pesquisa e discutindo as conclusões e o alcance dos resultados com a perspectiva de pesquisas futuras.

1. Apresentação do MST
2. O papel do ensino, dos professores e da educação no MST
3. A ferramenta do pensamento crítico da história de vida
4. O perfil dos entrevistados como educadores
5. As características de suas identidades – descobertas da pesquisa
6. O MST e sua influência sobre os educadores
7. Resultados da pesquisa e seu alcance para indagações futuras

Entretanto, por trás de cada título acadêmico há ideias práticas, inspiradoras e provocantes que poderiam ser formuladas em um conjunto diferente de títulos, como estes:

1. “Sem Terra – Sem Dignidade” – formas de vida como ação política voltada a transformações sociopolíticas
2. “Esforço” – o professor mais importante da vida
3. “Trepidações de um pesquisador” – de testemunhos à(s) verdade(s) coletiva(s)
4. “Para se tornar livre como ser humano” – construções identitárias como educadores ativistas
5. “Não veja a falha individual, mas a injustiça estrutural” – da indagação à contestação à transformação

6. “O poder da prática coletiva” – uma visão de mundo mais ampla, maiores sonhos e maior transformação
7. “A continuar: Identidades, prática e contexto” – outros programas de educação para transformação social com/em movimentos sociopolíticos de oposição

Estes títulos contêm resultados importantes do trabalho de Diniz e mostram o pragmatismo político como uma importante estrutura de ação que, por si só, gera uma agenda pedagógica e metodológica específica. Além disso, parece que a coletividade é um pilar fundamental na construção e experiência da realidade sociopolítica, aqui chamada de luta, levando a uma prática coletiva de maior potencial e de longo alcance, isto é, o estabelecimento da cultura de oposição e maior poder subversivo.

Ao longo deste livro, o autor promove sua compreensão da identidade como um conceito que está “sempre em construção” (p. 190), enquanto ele vê a prática educacional como uma atividade sociopolítica integrada como um esforço holístico, trabalhando “em todas as dimensões do ser humano” (p. 208), e que o educador ativista “continua envolvido com as alegrias e tristezas da comunidade o tempo todo” (p. 208). O MST é a principal força educadora, enquanto os educadores são simplesmente facilitadores, assim como os alunos, devido à sua vida dentro do MST e seu compromisso com ele.

Diniz deliberadamente fornece muito espaço discursivo para seus entrevistados, o que permite ao leitor ver de perto a vida dos educadores e suas próprias histórias pessoais. Ao mesmo tempo, o autor continua a expor e abraçar as complexidades e desafios do MST, não só mostrando o caráter multifacetado de um movimento nacional, mas também o amarrando à sua abordagem de pensamento crítico narrativo da história de vida.

Diferentemente dos dados quantitativos “objetivos” e “sincrônicos”, suas descobertas, conceitos e dados brutos são claramente dependentes dos contextos sociopolíticos e históricos, assumindo pontos de vista. Apesar destas complexidades, Diniz consegue se concentrar em qualidades essenciais. Isso lhe permite traçar largas linhas de construções identitárias, a tal ponto que abordagens pragmáticas/estratégias gerais poderiam ser testadas em outras partes do mundo.

Curiosamente, um dos pontos fracos Diniz, a um tanto quanto pequena seleção de literatura, em especial a literatura crítica sobre a avaliação do MST, trabalha a seu favor, uma vez que lhe permite se concentrar em pontos principais das características do MST, obtendo clareza em sua visão histórica crítica. A avaliação de Caldart do MST e seus militantes lhe serve como uma validação futura de suas próprias descobertas, por exemplo, a autoaprendizagem coletiva (p. 188). No entanto, devo notar que a heterogeneidade do MST parece ser contrastada com um mundo exterior menos diferenciado, assim, acontecimentos históricos parecem um pouco dicotomizados a fim de dar ênfase às particularidades do movimento. Além disso, poderia ter sido ainda mais atraente se o leitor pudesse ter tido acesso a partes da transcrição original com todas as suas pausas, risos e interjeições, permitindo a participação na construção da identidade dos educadores.

No geral, Diniz apresentou um raro retrato perspicaz de iniciativa educacional que não só desafia abertamente o discurso e as estruturas da orientação neoliberal global, mas descreve em muitos aspectos um modelo de sucesso que é possível e vale a pena ser continuado. Como tal, este livro consegue fornecer não só ideias, mas também estratégias pragmáticas que desafiam a onipresença de estruturas, hierarquias e explorações capitalistas.

O livro de Diniz inspira o pedagogo crítico a continuar o sonho socialista em uma época onde, muitas vezes, o “senso comum” nos atrai à apatia por causa de discursos dominantes que esterilizam o ativismo pedagógico e procuram empurrar práticas educativas para longe de qualquer contexto político ou histórico concreto. O autor não apenas nos apresenta sonhadores de um mundo melhor e um ensinamento voltado à transformação social, mas em sua análise nos sentimos como esses colegas ativistas se sentem; isso não se deve tornar um sonho adiado, mas um sonho vivido – viver e ensinar voltado à transformação social imediatamente.